

# Mercosul 30 Anos: olhar sobre as políticas culturais na fronteira entre o Brasil e o Uruguai

Maria de Fátima Bento Ribeiro\*

Alan Dutra de Melo\*\*

O poderio militar ou econômico de uma nação tende a intimidar, a cultura seduz (RIBEIRO, 2011).

## Introdução

Em 2021 o Mercado Comum do Sul (Mercosul) completou 30 anos do Tratado de Assunção, em 26 de março de 1991, data em que os presidentes do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai assinaram o dito tratado em Assunção, no Paraguai. Este ano também marcado pela pandemia da Covid-19, que provocou mudanças em escala planetária, vemos que os espaços das fronteiras foram alterados, produzindo um cenário de fechamento e controle por medidas de segurança sanitária.

No Mercosul, as fronteiras têm um espaço de destaque<sup>1</sup>, visto a necessidade dos países do Cone Sul<sup>2</sup> deixarem de lado a desconfiança histórica, com destaque para Brasil e Argentina, e apostarem em um projeto de integração frente às transformações provocadas pela globalização e as alterações do sistema internacional. O internacionalista Celso Lafer (2009, p. 54) chama atenção sobre o seguinte tema: “[...] num mundo que simultaneamente se regionaliza e se globaliza, convém fazer não apenas a melhor política, mas também a melhor economia da geografia”. Ainda para Lafer (2009, p. 54), “[...] daí uma linha voltada para transformar as fronteiras brasileiras

---

\* Doutora em História na área de Política, Memória e Cidade, pela Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP, Professora Associada da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL, no curso de bacharelado em Relações Internacionais.

E-mail: mfabento@hotmail.com

\*\* Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa - Campus Jaguarão junto aos cursos de bacharelado em Produção e Política Cultural e Gestão de Tecnologia em Turismo.

E-mail: alanmelo@unipampa.edu.br

<sup>1</sup> “Existem espaços próprios para o debate da temática: O Grupo Ad Hoc sobre integração fronteiriça (Gahif), substituído pelo Subgrupo de Trabalho (SGT) n.18- Integração Fronteiriça; o Foro consultivo de Municípios, Estados Federados, Províncias e Departamentos do Mercosul (FCCR); o Grupo de Integração fronteiriça” (PENHA; DESIDERÁ NETO; MORAES, 2017, p. 8).

<sup>2</sup> A definição de Cone Sul se refere ao formato geográfico dos países que formam o bloco econômico sul-americano. Conforme Herz e Hoffmann (2004), uma região específica e recente e refere-se ao formato geográfico dos Estados-partes do Mercosul.

de clássicas fronteiras-separação em modernas fronteiras de cooperação”. Cooperação que se intensifica nos anos 1980 com a reaproximação Brasil, Argentina.

De acordo com o economista e historiador argentino Mario Rapoport (2009, p. 26) “[...] el avance más significativo en política exterior desde principios de los años 80 fue el acercamiento con Brasil, que permitió sentar las bases del Mercosur”. Pesquisadores que se detêm a temática da fronteira aparecem em algumas decisões do Mercosul e no processo de integração regional de várias formas, a exemplo: no contexto das trocas comerciais (1993), ponto de passagens de bens (1999); zona de paz (1999); e o Fundo para Convergência Estrutural do Mercosul – FOCEM (2004), criado para promover a redução das assimetrias que “[...] no seu artigo 3º, ao definir que os projetos vinculados aos programas de convergência estrutural e coesão social devem ser prioritariamente direcionados para as regiões de fronteira” (PENHA; DESIDERÁ NETO; MORAES, 2017, p. 206).

Outro período importante que se pode destacar no contexto das políticas que envolvem o Mercosul, foi o início da década anterior, no qual diversos movimentos de cunho integracionista, compartilharam territórios como zona de interesse nacional para a ação política. Em 2011, o Mercosul se encontrava em um período marcado, principalmente, por um projeto político, que tinha o fortalecimento da integração, da cooperação e do desenvolvimento como uma importante pauta das agendas dos governos dos países que formavam o bloco.

Nesse processo, as fronteiras ganharam destaque nas propostas de políticas, por parte dos governos, sendo consideradas prioridades de interesse Institucional com intuito de efetivar a cooperação entre seus países, inclusive, contando com a participação da sociedade civil, levando em consideração as entidades subnacionais nos processos de paradiplomacia, com a inserção dos municípios e outros agentes.

Este período de fortalecimento regional foi marcado pela presença feminina nas presidências e por governos mais posicionados para centro e a esquerda. Dilma Rousseff do Brasil, Cristina Kirchner da Argentina, José Mujica no Uruguai e Fernando Lugo do Paraguai, assinalavam o Mercosul como uma importante ferramenta para a integração de países da América do Sul, tendo em vista a disposição para o fortalecimento da identidade latino-americana.

O Mercosul tornou-se uma plataforma política importante de inserção regional para o enfrentamento das crises econômicas que se intensificaram no mundo a partir de 2008. Um ponto relevante nesta última década do bloco foi a pressão para o ingresso da Venezuela, dificultada pela resistência paraguaia, contudo, após assumir a

presidência temporária, Cristina Kirchner, defende a integração da Venezuela ao bloco e conta com apoio de Rouseff e Mujica.

A Venezuela teve adesão ao bloco no processo efetivado em 2012, representando um importante avanço político e econômico para o projeto de integração no Mercosul. Embora, atualmente, a Venezuela esteja suspensa, destaca-se a necessidade do cumprimento e alinhamento com a denominada “cláusula democrática”, tendo em vista que a democracia tem um destaque relevante dentro do bloco, nos países do Cone Sul, sobretudo devido ao histórico da década de 1980.

Após os processos de redemocratização que foi incorporado em julho de 1998 ao Tratado de Assunção, em 2002 entra em vigor o Protocolo de Ushuaia. De acordo com Herz e Hoffmann (2004, p. 203), “[...] [o] protocolo prevê, após uma fase de consultas, a suspensão dos direitos do Estado-parte onde tenha ocorrido a ruptura da ordem democrática de participar dos órgãos, ou mesmo dos direitos e obrigações dos tratados do processo de integração”. Se a adesão da Venezuela em 2012 foi comemorada e representava um compromisso com a democracia a sua suspensão é justificada pelo descumprimento do Protocolo de Ushuaia.

Naquele momento, no começo da década anterior, o Uruguai pautava a fronteira como um espaço de interesse nacional e torna-se revelador da temática nas palavras do ex-Ministro de Educação e Cultura do Uruguai, Ricardo Erlich, do Uruguai. Segundo Erlich, “[...] [o] conceito de fronteira foi considerado um tema de interesse nacional, na perspectiva de ação política”.

As fronteiras delimitam os espaços das soberanias nacionais<sup>3</sup> e abarcam um terceiro espaço com múltiplos significados, um território de identidade própria tendo na cultura um importante elemento integrador. Conforme o sociólogo uruguaio Enrique Mazzei (2000, p. 13) “[...] la aprobación e institucionalización del MERCOSUR ha dinamizado con distintos efectos y ritmos el escenario fronterizo uruguayo-brasileño regulado formalmente desde el Tratado de Límites de 1851 y actualizado por sucesivos tratados, protocolos y acuerdos”.

Mazzei (2000) ainda compara as relações da fronteira do Brasil com o Uruguai com outras relações latino-americanas e toma uma posição assertiva no que se refere as relações de boa vizinhança, intercâmbio, cooperação e diplomáticas, tendo em vista, inclusive, a aproximação por fronteira seca. Segundo o autor, “[...] ese particular relacionamiento, más allá de la acción diplomática, ha sido favorablemente condicionada por la geografía del área em vecindad la que ha facilitado, en tanto

---

<sup>3</sup> A faixa de fronteira no Brasil é formada por 588 municípios distribuídos em onze Estados.

fronteras secas, la consolidación de los intercambios y las especificidades de la cultura local” (MAZZEI, 2000, p. 13).

O antropólogo argentino Nestór García Canclini chama atenção para a análise do conceito de hibridação, visto que “[...] o momento que mais se estende análise da hibridação a diversos processos culturais é na década final do século XX” (CANCLINI, 2008, p. 18). Os intercâmbios culturais com os cruzamentos de fronteiras, as convivências transfronteiriças ganham espaço nesse debate, pois, ainda para Canclini (2008, p. 18) “[...] a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições, mas, sim, que pode ajudar a dar conta de formas particulares de conflitos geradas na interculturalidade recente em meio a decadência de projetos nacionais de modernização na América Latina”.

Desta forma, questiona-se como podemos compreender os processos de modernização nas bordas do capitalismo global? Quem sabe uma das alternativas seja, justamente, a necessidade de olhar atentamente para o que propomos sobre os avanços e recuos frente a uma realidade regional complexa e permeada pelo histórico de regimes democráticos em consolidação com fortes sombreamentos dos regimes políticos autoritários implementados ao longo dos séculos anteriores. Cabe ressaltar, contemporaneamente, o recuo nos processos de integração regional, inclusive no continente europeu, com a recente e importante saída do Reino Unido da União Europeia.

Destaca-se que na sua inauguração o Mercosul tinha como finalidade principal a integração da economia dos países do bloco, com compromissos principalmente de ordem comercial. A cultura, elemento fundamental no processo de integração, foi inserida mais tarde, considerada como um instrumento importante no processo de conhecimento, democratização, tolerância e, sobretudo, abertura para a diversidade cultural e defesa dos direitos humanos que compõe o bloco.

Não se deve esquecer, evidentemente, a existência de conflitos históricos como a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, entre 1864 e 1870, que, ainda hoje, aponta reflexos sobretudo com referência ao necessário dever de memória. Destaca-se ainda as influências culturais mais longínquas desde quando os territórios atuais ainda pertenciam a Portugal e Espanha, bem como o histórico de expropriação das comunidades ameríndias e mais tarde o severo histórico da escravização de pessoas trazidas do continente africano. Nota-se, ainda, a necessidade de não esquecer e olhar, como bem dizia a obra maestra do uruguaio Eduardo Galeano, “As veias abertas da América Latina”.

No ano de 1992 foi criada a reunião especializada em cultura por meio da Resolução 34/92 do Grupo Mercado Comum. Esta resolução teve como objetivo a difusão cultural entre os diferentes países formadores do bloco como forma de estimular o conhecimento mútuo entre os pares<sup>4</sup>.

Como as relações culturais são um importante elemento de aproximação, de fortalecimento, de compreensão, de trocas e de experiências no âmbito das relações internacionais, situar atividades culturais que evocam a capacidade de integrar nações além dos limites políticos e econômicos pode contribuir para o debate das políticas públicas culturais na fronteira do Brasil com Uruguai, além da cultura na política externa no âmbito do Mercosul. Lafer (2009, p. 14) aponta para “[...] o debate democrático da política externa como uma importante política pública”.

Torna-se necessário sublinhar que o Brasil, em sua diversidade cultural, tem um dos seus mais significativos patrimônios e, juntamente com Uruguai, país vizinho e parceiro do Mercosul, em 30 de maio de 2011, a presidenta Dilma Rousseff e o presidente José Pepe Mujica, assinaram o Protocolo de Intenções entre o Ministério da Cultura do Brasil e o Ministério de Educação e Cultura do Uruguai. Esse importante documento de cooperação visa o desenvolvimento de ações que priorizam atividades compartilhadas na área da cidadania e da diversidade cultural, com a principal ênfase nas regiões de fronteira. O desafio atual está justamente em reconhecer que os centros distantes das capitais nacionais produzem cultura e que pode ser considerada uma forma relevante de patrimônio cultural imaterial, como bem demonstra Teixeira (2020), em seu estudo sobre a relevância do portunhol.

Um dos elementos facilitadores para cooperação em um projeto político está em situar à importância das relações culturais que influenciam as organizações governamentais e não governamentais, como, por exemplo, a diplomacia cultural e a paradiplomacia. De acordo com Edgar Telles Ribeiro (2011, p. 24) ao refletir sobre a diplomacia cultural e seu papel na política externa brasileira, pode-se realizar a seguinte reflexão: “[...] cada vez mais os Estados vêm procurando tirar partido desses canais naturais de comunicação, para conferir uma dimensão cultural às relações diplomáticas que mantêm entre si”.

A paradiplomacia são ações internacionais paralelas ao Estado Nacional realizadas por atores subnacionais, um exemplo de paradiplomacia e cooperação descentralizada no Mercosul é a “rede MERCOCIDADES”, que trata de iniciativas a partir dos processos

---

<sup>4</sup> Ver: RIBEIRO, M. F. B.; FERNANDES, C. C. C. MERCOSUL 25 anos: cultura, patrimônio e identidade. In: PENNAFORT, C.; RIBEIRO, M. F. B. **Mercosul 25 anos: avanços, impasses e perspectivas**. Pelotas: Centro de Integração do Mercosul: CENEGRI, 2016.

de cooperação descentralizada em que os municípios ganham destaque no processo de integração.

## Diálogos na fronteira do Brasil com o Uruguai

Retornando aos diálogos e processos que frutificaram na década anterior, momento em que os pesquisadores deste texto estavam trabalhando no município de Jaguarão, registramos que no dia 06 de novembro de 2010<sup>5</sup>, o ex-Ministro da Cultura do Brasil João Luiz da Silva Ferreira (mais conhecido como Juca Ferreira) e Ricardo Erlich, ex-Ministro da Educação e Cultura do Uruguai, assinaram a Declaração de Montevideu, com o propósito de reafirmar a importância da cultura para a promoção do desenvolvimento, o fortalecimento da cidadania, além de incrementar a cooperação cultural entre ambos os países<sup>6</sup>. Vale destacar que nesse documento os ex-Ministros destacaram a importância das “[...] ações que envolvam a cooperação sobre políticas públicas culturais desenvolvidas em ambos os países”.

Importante destacar que no processo de integração, no caso desse estudo que trata da fronteira do Brasil com Uruguai, vários grupos de trabalhos foram criados e atividades foram realizadas chamando atenção para a necessidade de políticas culturais para a fronteira<sup>7</sup>. Com o objetivo da assinatura de um Protocolo de Cooperação Cultural, grupos como da Comissão Binacional de Cultura Brasil-Uruguai, junto com os comitês de fronteira das diferentes cidades do Rio Grande do Sul com Uruguai, trabalharam incessantemente para elaborar e articular o fortalecimento das ações de integração em diferentes áreas, prevendo a força e a potencialidade da cultura nesses espaços transnacionais.

Na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Jaguarão, instituição que a autora do texto trabalhava como docente e exercia o cargo de diretora da unidade, no ano de 2011, várias atividades foram realizadas em parceria com o Uruguai, com os comitês de fronteira, comissão binacional de cultura, grupos importantes para pautas de integração. A exemplo, o Comitê de Fronteira Jaguarão-Rio Branco que articulou uma forma de levar as demandas para a VII *Reunión de Alto Nivel de La Nueva Agenda de Cooperación y Desarrollo Fronterizo Uruguai- Brasil*, em Montevideu, nos dias 7 e 8

---

<sup>5</sup> No âmbito da cultura o convenio vigente entre Brasil e Uruguai, foi firmado em 28 de dezembro de 1956.

<sup>6</sup> Conforme a declaração de Montevideu.

<sup>7</sup> Dois eventos realizados em 2010, o Seminário de Integração Cultural do Brasil com Uruguai: olhares de fronteira, na cidade de Rio Branco- Uruguai e Conferência de Cultura de Fronteira, na cidade de Jaguarão- Brasil.

de julho de 2011 que contava com a presença dos reitores de diferentes Universidades<sup>8</sup> com o objetivo de fortalecer a cooperação universitária binacional, intercâmbios, como também propostas de projetos sobre o ensino português-espanhol foram encaminhamentos da reunião<sup>9</sup>.

Figura 1 – Reunião Comitê de fronteira Jaguarão (BR) - Rio Branco (UY) na Biblioteca Pública de Jaguarão; autora do estudo na ponta esquerda, vestida de vermelho, e o Cônsul uruguaio falando de pé no centro.



Em 2011, a Unipampa publicou o edital para ingresso para estudantes uruguaios fronteiriços, uma reivindicação presente desde os comitês de fronteira que foi levado para a VII reunião do Alto Nível em Montevideu e debatida no grupo de trabalho de educação com a presença dos reitores das Universidades Federais. Tal ação levou a integração para além dos protocolos, cumprindo o compromisso democrático com a região de fronteira com Uruguai.

A Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, sediou, em outubro de 2011, a reunião do Comitê de Intendentes, Prefeitos e Alcaldes da Fronteira do Brasil -

---

<sup>8</sup> Integrado por representantes da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), representantes da universidade de La Republica (UDELAR) e Ministério da Educação e Cultura do Uruguai.

<sup>9</sup> A diretora do campus de Jaguarão, Maria de Fátima Bento Ribeiro, que participava da comissão binacional de cultura, dos comitês de fronteira e do grupo *fronteras culturales*, foi convidada para reunião do grupo educação com os reitores e representantes dos governos, em função da solicitação dessa pauta oriunda do comitê de fronteira Jaguarão- Rio Branco, que levou para reunião a importância de projetos de integração de educação e a carta da fronteira.

Uruguai, com a presença do Vice-Ministro de Relações Exterior do Uruguai Roberto Conde. A pauta da reunião abordou os seguintes temas: saúde, educação, segurança, hidrovias do Mercosul e a carta da fronteira que foi apresentada pela diretora do campus Jaguarão. A dita carta visava informar sobre um documento e a dinâmica que estava ocorrendo nas cidades ao longo da fronteira, com vistas de buscar políticas públicas para esse espaço.

O Comitê de Binacional de intendentes, prefeitos e Alcaldes da fronteira Brasil - Uruguai é um foro bilateral “[...] criado no marco da nova agenda de cooperação e desenvolvimento das fronteiras entre o Brasil e o Uruguai e tem como objetivo principal gerar e desenvolver ações conjuntas”<sup>10</sup>.

Figura 2 - Políticas de fronteira são discutidas na Unipampa por autoridades do Brasil e Uruguai; no centro falando o Prefeito de Jaguarão, Cláudio Martins, e ao lado, a autora do trabalho.



Fonte: Jornal Fronteira Meridional – Jaguarão/RS, 11 de outubro de 2011.

<sup>10</sup> Documento do Comitê Binacional de Intendentes e Prefeitos de Fronteira Brasil - Uruguai.

Em fevereiro de 2011, ainda nesse contexto de discussões, o Cônsul uruguaio Daniel Botta Luquin realizou uma palestra na Unipampa em comemoração às festividades do bicentenário do Uruguai.

Figura 3 – Discurso Cônsul Uruguaio Daniel Botta Luquin



Fonte: Blog da Professora Fátima<sup>11</sup>.

O Uruguai em 2011 criou a lei do bicentenário frente à importância do debate com relação à reflexão frente a história, memória e a identidade do país. Por meio da Lei nº. 18677, declara-se o ano de 2011 para a celebração do bicentenário, segundo a sua dissertação: “[...] declarase el año 2011 como año de celebración del bicentenário del proceso de emancipación oriental, en el marco de lucha de los pueblos americanos por su autodeterminación e independência, reconociendo la participación [...] de José Artigas”<sup>12</sup>.

A comemoração foi uma importante pauta do governo formado pela Frente Ampla com José Mujica na presidência, uma vez que propiciou um espaço para refletir sobre a liberdade, igualdade, justiça e solidariedade, como também um momento em que o passado, presente e futuro aparecem entrelaçados para “[...] pensar a história atuar com o presente e projetar o futuro”. O tempo aparece como uma das preocupações em que a história registra “[...] não apenas como ciência do passado, mas sim, como espaço da experiência e meio de reflexão da unidade de ação política que se tem em vista” (KOSELLECK et al., 2019, p. 190).

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://brfatima.blogspot.com/2011/02/>>.

<sup>12</sup> Ver <[https://issuu.com/bicentenariouruguay/docs/bicentenario\\_-\\_libro\\_de\\_los\\_festejos](https://issuu.com/bicentenariouruguay/docs/bicentenario_-_libro_de_los_festejos)>. Acesso em: 21 out. 2021.

Entre as diversas atividades das comemorações do plano de ação à promoção da incorporação de atividades, visando à integração e cooperação, foi desenvolvida com os países vizinhos o depoimento no livro de festejos de Gilberto Gil (2011, p. 148):

[...] yo creo que uruguay está aprovechando la celebración para hacer del recuerdo histórico um momento para confraternizar on los países vecinos y por eso non invitan. Brasil es parte de la historia de uruguay asi como uruguay es parte de la historia de Brasil.

E outra ação cultural significativa com objetivo de fortalecer as relações culturais nas fronteiras do Brasil com Uruguai foi a execução, pelo Uruguai, do “Bus Cultural de la frontera” (Giro Fronterizo de Integración Cultural Uruguay Brasil), que foi um projeto realizado pelo Ministério das Relações Exteriores, em comemoração ao bicentenário do Uruguai. Tratava-se de uma delegação cultural uruguaia que excursionou visitando os principais centros urbanos do Rio Grande do Sul que incluía as cidades de Porto Alegre, Pelotas, Bagé, e as cidades fronteiriças de Chuy - Chui, Rio Branco-Jaguarão, Aceguá-Aceguá, Rivera-Santana do Livramento, Artigas - Quaraí e Bella Unión - Barra do Quaraí. Nesses locais foram realizados eventos culturais com grupos musicais de tango e candombe por serem reconhecidos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como Patrimônio Cultural da Humanidade.

É importante destacar que o Uruguai na gestão do presidente José Mujica (1º de março 2010 a 1º de março de 2015) teve forte disposição com relação ao Mercosul, portanto, através das pautas mencionadas, entendemos que a sua postura foi de forma propositiva por não ser apenas um Estado-parte, mas por manter o protagonismo no processo de aprofundamento da integração. A posição do Uruguai ao longo da história tem sido de equilíbrio entre o Brasil e a Argentina. Conforme alguns ditos, “um algodão entre cristais” desde o processo de independência.

Destaca-se que, na época, ao observarmos a introdução do livro dos festejos, citados anteriormente sobre o bicentenário da independência, através do seu presidente, José Mujica fez um discurso carregado de sentido e de ação política, enfatizando que a história e a memória do Uruguai devem ser valorizadas a partir de seu papel na América Latina, de uma nação que deve se orgulhar do uso de um diálogo político.

Após, no mesmo período, em outubro de 2011, ano da assinatura do plano de Cooperação Cultural Brasil - Uruguai, um evento foi organizado na Unipampa, campus Jaguarão, ocorrendo nas cidades de Jaguarão e Rio Branco, com a intenção de fomentar

o debate no âmbito da cultura das políticas culturais com representantes do Brasil, Uruguai e Venezuela. Segue, abaixo, a imagem do material de divulgação do evento.

Figura 4 – Folder do Evento que foi projeto de extensão na Unipampa



Fonte: Os autores (2021).

O projeto “Lazos” representou uma ação de residência artística-pedagógica que utilizou a fronteira como inspiração, indo ao encontro do fortalecimento de um corredor cultural impulsionando pela circulação de artistas e espetáculos do Brasil e do Uruguai. A iniciativa do coletivo de dança contou com a participação de bailarinos<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Presentación de Lazos Uruguay Tamara Chiz -Triana Fernández, Venezuela Alejandra Peña y Alexander Madriz.

uruguayos e venezuelanos, que exploraram por meio da dança e da arte, o universo da fronteira e do encontro permanente com o “outro”, representando um desafio e uma crítica, “A fronteira: limite ou espaço imaginário para a criação”<sup>14</sup>.

Percebe-se no projeto em questão como o conceito foi revisitado provocando uma reflexão dos sistemas explicativos do estado da arte da categoria fronteira. Naquele momento a fronteira era vista como integração cultural, experimentação e resistência. Sem dúvidas uma forma de utilização da fronteira em sua dimensão maior, que, efetivamente, também está constituída como local de trânsito e encontros, conformando um patrimônio cultural e artístico que reverbera no diálogo intercultural, na troca de vivências, experiências, fortalecendo, conhecimento mútuo e os vínculos da cultura, inclusive para a promoção da paz. O projeto “Lazos” era definido da seguinte forma,

La danza en contacto con sectores vulnerables de la sociedad de América Latina y El Caribe – integración a través del trabajo en red” - es un proyecto regional cuyos miembros buscamos relevar los procesos que inciden y transforman nuestra sociedad a partir de la danza como herramienta de inclusión social; reconstruir la memoria colectiva y favorecer la expresión sociocultural de diversas regiones a través del hecho artístico contemporáneo y del intercambio de experiencias concretas [s.d.].

O grupo “Lazos” possuía histórico de trabalho dentro da perspectiva de inclusão social e intercâmbio cultural em vários países, entre eles o Uruguai, a Venezuela, o México, a Argentina e o Peru. Neste caminho, a arte tem sido uma importante ferramenta de reflexão “desde os mapas invertido de Torres Garcia, a arte tem visitado a disciplina cartográfica para produzir mapas ativistas que não estão a serviço da dominação”. O grupo era provocativo, informativo e reflexivo, com vistas de pensar nos contextos políticos, econômicos, ideológicos e culturais.

A abertura do evento “Lazos” aconteceu no dia 10 de outubro de 2011. Representando o lado brasileiro estava Marcelo Azevedo, diretor de Cidadania Cultural da Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul e a conferência da noite contou com a participação do encarregado para Assuntos Culturais da Embaixada da República Bolivariana da Venezuela no Uruguai, José Jesús Gómez, que proferiu a conferência “O sistema nacional de Orquestras da Venezuela”, um modelo de inclusão social a partir da

---

<sup>14</sup> O trabalho em execução foi potencializado através de um Projeto de Extensão Universitária desenvolvido junto ao curso de Gestão de Tecnologia em Turismo da Unipampa, campus Jaguarão, sob a coordenação dos professores autores deste trabalho. Participaram, dentre outros parceiros da atividade, a Prefeitura Municipal de Jaguarão.

música. Ademais, Borges mencionou o andamento com o Ministério da Cultura brasileiro para a instalação de pontos de cultura na fronteira.

Após, outro projeto de destaque no mesmo período foi a Usina Cultural Móvel do Departamento de Cerro Largo, que esteve na cidade de Jaguarão e Rio Branco - Uruguai, gravando temas musicais com grupos dos dois países. Na mesa de abertura o diretor de cidadania cultural do Uruguai, Leonardo Rodriguez, chamou atenção para o tema dos direitos culturais e a importância do acesso de bens e serviços culturais, citando, como exemplo, o projeto Usinas Culturais da Área da Cidadania Cultural (DNC-MEC)<sup>15</sup>.

Por fim, sobre integração cultural, cabe elencar “Os pontos de cultura”, programa brasileiro desenvolvido, na época, pelo historiador Célio Turino, vinculado ao Ministério de Cultura do Brasil Gilberto Gil, elaborado pelo que desenvolveu um programa de democratização e acesso à cultura. Emir Sader, no prefácio do livro “Pontos de Cultura”, de Célio Turino, destaca:

O resultado desse trabalho de cinco anos, continuado na gestão do ministro Juca Ferreira, deu instrumentos para que as múltiplas vozes do povo se expressem, sob a forma de música, de literatura, de poesia, de todas as expressões com que a riqueza insubstituível da nossa gente (TURINO, 2009, p. 08).

Mais tarde foram criados Pontos de Cultura na Argentina, inclusive. Os pontos de cultura na fronteira estavam atrelados ao processo de reivindicações de políticas públicas que se fortalece com a declaração de Montevideu, feita em 2010, e depois com a assinatura do Protocolo de intenções entre Brasil e Uruguai em ações conjuntas no âmbito da cultura, com o objetivo de ampliar os espaços de debate na busca e na formulação de políticas compartilhadas. Em Jaguarão foi instalado um Ponto de Cultura no centenário Clube 24 de Agosto – fundado em 1918, entidade associativa vinculada a pessoas negras excluídas de outras entidades da cidade.

Outro fato marcante que ocorreu no mesmo período citado acima, foi a elaboração de uma “carta de fronteira”, um documento com reivindicação das políticas públicas para cultura na região de fronteira, e naquele processo teve destaque a participação da sociedade civil organizada nos processos de integração cultural da fronteira do Brasil com o Uruguai.

---

<sup>15</sup> Ver: **Integración en la frontera Uruguay - Brasil**. Disponível em: <<https://ica.ufrj.br/portal/v/11461/8/mec/integracion-en-la-frontera-uruguay---brasil>>. Acesso em: 17 set. 2021.

Marcelino (2018, p. 44), ao contextualizar a ação da sociedade civil, por meio do movimento *fronteras culturales*, disserta o seguinte:

O movimento teve substancial participação no processo de constituição dos editais específicos de ponto de cultura de fronteira, implementados do lado brasileiro da fronteira, a proposta era a construção de uma política cultural por meio do Programa de Pontos de Cultura que leva em consideração a diversidade cultural e social presente nessas regiões e que atue na integração entre os países.

Os pontos de cultura para a fronteira foram instituídos pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, pelo Governador Tarso Genro (Partido dos Trabalhadores), e se pode dizer que a mobilização dos grupos de coletivos culturais contribuiu para chamar atenção dos eventos culturais que ocorram nos espaços da fronteira como produto do intercâmbio cultural<sup>16</sup>.

Com experiências e vivências de sujeitos de diferentes nacionalidades e cientes das necessidades de integração cultural, na falta de políticas públicas para fronteira ou da constituição de um corredor cultural, é oportuno pensar a partir de um eixo integrador para o desenvolvimento sustentável. Conforme Matias (2005, p. 457),

A sociedade transnacional é, portanto, diferente da nacional, já que ultrapassa os limites dessa última, e é também diferente da sociedade internacional no sentido clássico desse conceito, pois, seus atores não são, em princípio, os Estados, nem organizações internacionais.

Na semana do evento mencionado acima ocorreram uma série de atividades para os debates das políticas para fronteira, contando com a visita do vice-ministro de relações exteriores do Uruguai e com solenidade do comitê de intendentes, prefeitos e *alcaldes* de fronteira registrado pela imprensa.

---

<sup>16</sup> Na cidade de Jaguarão, desde 2010, com a parceria da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), de coletivos de artistas e ativistas da região de fronteira, da secretaria de cultura de Rio Branco e Jaguarão, consulado do Uruguai, realizavam-se reuniões na busca de políticas culturais para a fronteira do Brasil com Uruguai. Nas cidades de fronteira no sul do Brasil com o Uruguai ocorriam reuniões com o mesmo propósito, no qual, a partir de uma reunião em 12 de julho de 2010, na cidade de Santana do Livramento, foi possível a articulação do grupo com o Ministério de Cultura do Brasil (MINC). Na ocasião, prefeitos e alcaides, artistas e professores formaram um coletivo de ativistas culturais para levar adiante o projeto na busca de alternativas para as fronteiras.

Entendido e visto como ápice da integração cultural, os espaços da fronteira foram vistos além das linhas que separam países, nacionalidades, identidades, conceitos herdados da tradição do Estado Moderno, portanto ultrapassando os discursos que fazem parte da conceituação tradicional de fronteira. Sabemos que existem nesses espaços convivências harmoniosas e conflituosas e mais, as identidades trazem elementos socioculturais provenientes de suas nacionalidades e, por fim, produzem, muitas vezes, algo novo, transnacional.

Os habitantes deste espaço transformam as linhas demarcadas pelos Estados em territórios próprios, ressaltando a identidade cultural, fruto da convivência cotidiana. O espaço fronteiriço é um lugar que cotidianamente obriga os sujeitos a conviverem com o *outro*. O escritor Aldyr Garcia Schlee (2009) abordava que a sua subjetividade foi construída por essa convivência na fronteira, suas construções sociais, identitárias, estavam impregnadas por este espaço que nos ensinando a grande lição de conviver com o *outro*. Para ele,

[...] na fronteira há permanentemente o outro lado. Que é também, por consequência, o outro lado de tudo, de todos, de todas as coisas, sempre a nos desafiar porque nada se explica sem ele: o outro lado oferece-nos o balanço dialético do que é e do que não é, do que pode ser, alimentado pelo avesso nossos sonhos, nossas ilusões e nossas esperanças, sem que deixemos de encarar a contrapelo a realidade, e sem que precisemos dispensar dela o mágico e o misterioso, que são sua imponderável graça, sua atração irresistível e sua reafirmada diferença em relação aos outros espaços do mundo (afinal, a fronteira não é fronteira se não for um espaço fronteiriço, um espaço que ao mesmo tempo é a soma dos dois que se confrontam sobre uma linha que os divide e os separa (SCHLEE, 2009).

Assim, as relações na fronteira são amalgamadas no corpo como uma cartografia nas diferentes formas de sentir, viver, organizar e se apropriar desse território, trazendo a marca do encontro com *outro*. É inegável a relação de subjetividade na produção de sentidos que se estabelece entre o espaço e os sujeitos que ocupam o território fronteiriço.

O escritor Schlee e o grupo “Lazos” procuraram problematizar a fronteira como um espaço transcultural a partir da arte e da cultura, sendo um dos meios através da literatura. O espaço fronteiriço não é o dos limites estabelecidos e, sim, o local da criação, como é destacado também, no título do evento Lazos. Byung-Chul Han (2019, p. 41), atenta-se para o debate, afirmando que “[...] o limite como passagem não é

simplesmente demarcado ou segregado, mas criador. É um interespaço que a cada vez define nova e processualmente as diferenças e, com isso, as identidades”.

Na conferência preparatória da Rio +20, em abril de 2012, os ministros e altas autoridades de cultura dos países do Mercosul se reuniram em São Paulo para debater o tema cultura e sustentabilidade. O documento oriundo desse encontro, a “Declaração de São Paulo”, trata da cultura como um elemento fundamental para a sustentabilidade, o 4º pilar do desenvolvimento sustentável (econômico, social e ambiental).

É destacado no documento a importância da promoção da interculturalidade como instrumento indispensável à consolidação da paz e da segurança global em que os direitos culturais ganham relevância. Ainda citando Byung-Chul Han (2019, p. 97), “[...] tanto a interculturalidade como também a multiculturalidade são, em diversos sentidos, um fenômeno ocidental. Historicamente estão no contexto do nacionalismo e do colonialismo”. Assim, o autor mencionado trabalha com o conceito de hipercultura como uma cultura que subjaz a ideia de apropriação, renovação, transformação.

Os países do Mercosul são marcados por uma cultura platina, transcultural, multicultural, brasileira, uruguaia, argentina e paraguaia, e possuem em seu processo de formação histórica uma cultura compartilhada. Esse argumento tem sido uma justificativa importante, por exemplo, nos processos de tombamentos para reconhecimentos dos patrimônios culturais compartilhados dentro do bloco – a Ponte Internacional Barão de Mauá, que liga Jaguarão no Brasil a Rio Branco no Uruguai foi o primeiro bem reconhecido dentro de uma nova categoria que é o “Patrimônio do Mercosul”.

Percebe-se a partir da primeira década do século XXI que o projeto de integração regional passa a ter prioridade pelos governos eleitos nos países do bloco, e a cultura ganha visibilidade na defesa dos direitos e reconhecimento de diferentes grupos étnicos. A capacidade de fazer história é registrada nesses processos de reconhecimento de uma história pautada por elementos comuns como o colonialismo, escravidão, luta pela autodeterminação.

Byung-Chul Han (2019) chama atenção para a interculturalidade como a multiculturalidade estarem atrelados aos processos históricos do nacionalismo ou colonialismo, no entanto, a interculturalidade para os países da América Latina, da América do Sul, no sentido da escuta política de dar “voz ao outro” é um importante avanço na busca de políticas públicas, e a transculturalidade no sentido de ultrapassar as fronteiras é parte do cotidiano, dos fronteirços do Brasil com o Uruguai, criando novas possibilidades como, por exemplo, oportunhol, uma língua que é reinventada.

De acordo com os estudiosos das relações internacionais um tema importante na política externa de qualquer país é a contribuição para paz e os mecanismos de cooperação. A cultura é uma das ferramentas mais poderosas para a manutenção do diálogo e aproximação, o que facilita nos processos da construção de zonas de paz. Algo que os moradores e os artistas da fronteira conseguem demonstrar, a exemplo, a execução dos diferentes grupos de trabalhos vinculados ao projeto “Lazos”, literatura de Schlee, assim como outras iniciativas de integração cultural mencionadas ao longo do texto.

## Considerações finais

A fronteira no Mercosul é uma pauta importante conforme o registro das decisões do Mercado Comum para o processo de integração. Um exemplo é o FOCEM, que foca na busca trabalho com redução das assimetrias que privilegiam os projetos desenvolvidos para as fronteiras.

Ao ser considerada como área de interesse de ação nacional os projetos que envolvem a fronteira passam a ganhar uma maior visibilidade, na busca da democratização dos espaços transnacionais, por meio, de ações políticas e ao destacar uma história compartilhada dos processos identitários de formação do espaço geográfico dos países do Cone Sul. Reconhece-se a sua capacidade de juntos dinamizar os diferentes setores para o desenvolvimento do território.

Nesse interim, Canclini (2008, p. 37) destaca que na busca de democratização de acesso aos bens em espaços multiculturais são necessárias “ações políticas e econômicas”, como também “[...] acordos de livre-comércio sejam acompanhados por regras que ordenem e fortaleçam o espaço público transnacional”, como um dos requisitos fundamentais no processo democráticos, os direitos do cidadão, que incluem o direito e o acesso, fruição e criação dos bens culturais.

## Referências

BYUNG-CHUL, H. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

HERZ, M.; HOFFMANN, A. R. **Organizações Internacionais**: história e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

LAFER, C. **A identidade Internacional do Brasil e a Política Externa Brasileira**: passado, presente e futuro. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MARCELINO, B. C. A. **A sociedade civil e a integração cultural**: estudos sobre a fronteira sul Brasil e Uruguai. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Integração contemporânea da América Latina, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2018.

MATIAS, E. F. **A Humanidade e suas fronteiras**: do Estado soberano à sociedade global. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MAZZEI, E. **Rivera (Uruguay) – Sant’Ana (Brasil)**: Identidad, território e integración fronteriza. Montevideo: Departamento de Sociología, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de la República, 2000.

PENNAFORT, C.; RIBEIRO, M. F. B. **Mercosul 25 anos**: avanços, impasses e perspectivas. Pelotas: Centro de Integração do Mercosul: CENEGRI, 2016.

PENHA, B.; DESIDERÁ NETO, W. A.; MORAES, R. F. de. **Mercosul e as regiões de fronteira**. Rio de Janeiro: IPEA, 2017.

RAPOPORT, M. Argentina: Economía y Política Internacional – Los Procesos Históricos. In. **Encontro de Historiadores**. 200 anos de independência: olhar o futuro numa perspectiva sul-americana. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

RIBEIRO, E. T. **Diplomacia Cultural**: seu papel na política externa brasileira. 1. ed. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

SCHLEE, A. G. Fronteira Sul: Imagens e Textos. **Ardotempo**. 2009. Disponível em: <<https://ardotempo.blogs.sapo.pt/365542.html>>. Acesso em: 30 nov. 2021.

TEIXEIRA, E. Patrimônio Linguístico e Cultural da Fronteira: portunhol como patrimônio imaterial em Jaguarão. In: SANTOS, A. B.; MACHADO, J. P. (Org.). **Pesquisando e Pensando o Patrimônio**: estudos de casos e problemas teóricos. 1. ed. Jaguarão: EdiCon, 2020.

TURINO, C. **Ponto de Cultura**: O Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009.